

JEROME K. JEROME

# TRÊS HOMENS NUM BARCO

Tradução de  
Manuel Oliveira

alma  
dos  
livros

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivrospt

A presente edição segue a grafia do novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

© 2016

Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros

Titulo: *Três Homens num Barco*

Título original: *Three Men in a Boat*

Autor: Jerome K. Jerome

Tradução: Manuel Oliveira

Revisão: Sérgio Fernandes

Paginação: Miguel Antunes

Capa: Modular Studio / Alma dos Livros

Ilustração de capa: Manel Cruz

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-99705-1-9

Depósito legal: 416 819/16

1.ª edição: novembro de 2016

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.

A principal beleza deste livro não advém tanto do seu estilo literário, nem da extensão e da utilidade da informação que em si encerra, mas das verdades simples que ele contém. As suas páginas narram situações que realmente aconteceram. O que se fez foi dar-lhes cor, sem que para isso tenha sido cobrado algum valor extra.

O George, o Harris e o *Montmorency* não são ideais poéticos, mas sim criaturas de carne e osso – em especial o George, que pesa cerca de oitenta quilos.

Outras obras podem superar esta no que diz respeito à profundidade de pensamento e ao conhecimento da natureza humana. Outros livros podem rivalizar com este em originalidade e tamanho, mas, em relação à sua incurável e incorrigível veracidade, ainda não foi descoberto nada que o ultrapasse.

É este, mais do que qualquer outro dos seus encantos, que torna este livro precioso aos olhos do leitor e dá um peso adicional aos ensinamentos que a história contém.

Jerome K. Jerome



## Capítulo Um

**É**ramos quatro: o George, o William Samuel Harris, eu próprio e o *Montmorency*. Estávamos sentados no meu quarto a fumar e a conversar sobre o quão mal nos sentíamos – mal, quero dizer, de um ponto de vista médico, é claro.

Todos nos sentíamos em baixo de forma e estávamos a ficar preocupados com isso. O Harris disse que por vezes sentia umas tonturas tão estranhas, que quase não sabia o que fazia. O George disse que *ele* também sentia tonturas e que *ele* raramente sabia o que fazia. Quanto a mim, era o fígado que estava a funcionar mal. Sabia que era este órgão porque tinha acabado de ler um folheto que anunciava uns comprimidos hepáticos no qual estavam descritos os diversos sintomas que permitem a alguém perceber se o seu fígado está a funcionar mal. Pois eu sofria de todos.

É curioso, mas nunca li o folheto de um medicamento sem me sentir impelido a concluir que sofro precisamente da doença em questão na sua forma mais perigosa. O diagnóstico parece-me sempre corresponder, de forma exata, a todos os sintomas que apresento.

Lembro-me de ter ido um dia ao Museu Britânico para ler sobre o tratamento para uma doença ligeira da qual me queixava... creio que era febre dos fenos. Tirei o livro da prateleira, li a parte toda que me interessava e, de seguida, distraí-me a folhear o resto do livro e a ler sobre todas as doenças em geral. Não me recordo de qual foi a primeira – só me lembro de que era algum flagelo terrível e devastador –, mas, mesmo antes de ter percorrido metade da lista dos «sintomas premonitórios», estava absolutamente convencido de que a tinha apanhado.

Fiquei paralisado por um instante, gelado de horror; depois, abandonado ao desespero, voltei a folhear o livro. Cheguei à febre tifoide – li acerca dos sintomas – e descobri que tinha contraído a doença e que já a devia ter há muitos meses, sem o saber – perguntei-me o que mais poderia ter; cheguei à dança de S. Vito e descobri, como esperava, que também sofria dela. Comecei a ficar interessado no meu caso e, determinado em esclarecê-lo a fundo, recomecei a leitura, do início até ao fim – li o capítulo sobre a malária, fiquei a saber que sofria da doença e que a fase mais aguda começaria daí a uns quinze dias. No que diz respeito à insuficiência renal crónica, fiquei aliviado por saber que apresentava apenas uma manifestação ligeira dos sintomas e que, no que a isso dizia respeito, podia viver por muitos anos. Também tinha cólera, e com complicações graves. Quanto à difteria, já a devia ter desde a nascença. Percorri conscienciosamente as vinte e seis letras do alfabeto e concluí que a única doença da qual não padecia era artrose dos joelhos.

Inicialmente senti-me magoado; pareceu-me de certo modo uma ofensa. Por que razão não tinha artrose dos joelhos? Porquê esta diminuição injusta? No entanto, passado algum tempo, sentimentos menos mesquinhos prevaleceram. Pensei que já tinha todas as restantes doenças conhecidas da farmacologia e o meu egoísmo diminuiu; segui, determinado, mesmo sem a artrose dos joelhos. A gota, na sua forma mais maligna, parecia ter-se apoderado de mim sem que eu me tivesse apercebido disso; e de zimose sofria, evidentemente, desde a minha adolescência.

Como não existiam mais doenças no livro depois da entrada da zimose, concluí que não sofria de mais nada.

Sentei-me e pus-me a pensar. Pensei no quão interessante eu devia ser, do ponto de vista médico, e na bela aquisição que seria para uma sala de aulas! Os estudantes não teriam necessidade de «andar pelos hospitais» se me tivessem à mão. Todo eu era um hospital ambulante. Tudo o que precisavam de fazer era andar à minha volta e, a seguir, pedir o diploma.

Depois perguntei-me quanto tempo é que ainda teria de vida. Tentei examinar-me. Tomei o pulso. De início não consegui sentir nenhuma pulsação. Depois, de repente, pareceu começar. Peguei no relógio e pus-me a cronometrar as pulsações. Contei cento e quarenta e sete por minuto. Tentei escutar o meu coração. Em vão. Tinha parado de bater. Desde então, tenho sido compelido a acreditar que ele tem lá estado ao longo de todo este tempo, a bater dentro do meu peito, mas não posso garanti-lo. Apalpei toda a frente do meu corpo, desde aquilo a que chamo cintura até à cabeça, de ambos os lados, e um pouco mais, nas costas. Mas não consegui sentir nem ouvir nada. Tentei ver a minha língua. Estiquei-a para fora o máximo que pude e fechei um olho enquanto tentei examiná-la com o outro. Só consegui ver-lhe a pontinha, e o único ganho que daí retirei foi confirmar que tinha escarlatina.

Entreí naquela sala de leitura como um homem feliz e saudável. Saí de lá de rastos, como um farrapo decrépito.

Fui ter com o meu médico. É um velho amigo que me sente o pulso, me vê a língua e me fala de como está o tempo lá fora, tudo de graça, sempre que julgo que estou doente; por isso, pensei que agora lhe iria fazer um grande favor se fosse ter com ele. «O que um médico quer», pensei, «é praticar. Tenho de ir lá. Ele vai obter mais prática comigo do que com qualquer um dos setecentos doentes que o consultam regularmente apenas com uma ou duas doenças cada». Fui então, de imediato, ter com ele, que me perguntou:

– Então, o que é que se passa contigo?

Eu respondi-lhe:

– Não te vou fazer perderes o teu tempo, meu caro, a contar-te o que se passa comigo. A vida é breve, e ainda podias morrer antes de eu acabar. Mas vou dizer-te o que *não* se passa comigo. Não tenho artrose dos joelhos. Por que motivo não tenho artrose dos joelhos é algo que não te sei dizer; mas é um facto que isso não tenho. No entanto, *tenho* tudo o resto.

E contei-lhe como tinha feito aquela descoberta.

A seguir, mandou-me abrir a boca, observou-me de alto a baixo, sentiu-me o pulso e, de repente, deu-me uma pancada no peito quando eu menos esperava – coisa um pouco cobarde de se fazer, digo eu – e, imediatamente a seguir, aplicou-me uma cabeçada. Depois, sentou-se, escreveu uma receita, dobrou-a e entregou-ma. Eu meti-a no bolso e fui-me embora.

Sem sequer a abrir, fui até à farmácia mais próxima e entreguei-a ao farmacêutico. Ele leu-a e devolveu-ma.

Disse-me que não tinha aquilo.

Eu perguntei-lhe:

– Isto não é uma farmácia?

Ele respondeu-me:

– Sim, é uma farmácia. Se fosse uma mercearia e uma pensão num só estabelecimento, talvez pudesse servi-lo. Sendo apenas uma farmácia, é-me impossível fazê-lo.

Li a receita. Dizia assim:

*Meio quilo de bife com meio litro de cerveja preta de seis em seis horas.*

*Uma caminhada de quinze quilómetros todas as manhãs.*

*Uma cama às onze em ponto todas as noites.*

*E não enchas a cabeça com coisas das quais não percebes.*

Segui estas indicações, com o feliz resultado – por mim falo – de ter salvado a minha vida, o que até hoje perdura.

Para o caso que nos interessa, voltando ao folheto dos comprimidos para o fígado, eu apresentava os sintomas, sem qualquer



sombra de dúvida, sendo o principal deles um «desinteresse generalizado em realizar qualquer tipo de trabalho».

Não há palavras que descrevam o quanto sofro desse sintoma. Desde tenra idade, tenho sido um mártir. Quando era criança, a doença raramente me abandonou por um dia que fosse. Na altura, ninguém sabia que a culpa era do fígado. A ciência médica estava então muito menos desenvolvida do que nos dias de hoje e os médicos costumavam atribuir aquilo à preguiça.

«Mas que diabo, seu preguiçoso», diziam eles, «levanta-te e faz alguma coisa pela vida!» Não sabiam, é claro, que eu estava era doente.

E não me davam comprimidos; davam-me calduços na cabeça. E, por estranho que possa parecer, esses calduços curavam-me muitas vezes – pelo menos na altura. E reconheço que um calduço daqueles tinha mais efeito no meu fígado e me dava mais vontade de meter imediatamente mãos à obra e de fazer o que me era pedido sem perder mais tempo do que agora acontece com uma caixa inteira de comprimidos.

Sabem, acontece com regularidade: esses remédios simples de antigamente são, muitas vezes, mais eficazes do que todos os medicamentos da farmácia.

Ficámos ali sentados, no meu quarto, durante cerca de meia hora, a descrever uns aos outros as nossas doenças. Expliquei ao George e ao William Harris como é que me sentia quando me levantava pela manhã. O Harris contou-nos como se sentia ao deitar e o George, de pé, no tapete em frente à lareira, brindou-nos como uma representação expressiva e inteligente do modo como se sentia durante a noite.

O George *imagina* que está doente; mas na verdade não há nada de errado com ele.

Por essa altura, a senhora Poppets bateu à porta para saber se estávamos preparados para a ceia. Sorrimos tristemente uns para os outros e respondemos-lhe que seria bom comer qualquer coisa. O Harris disse que às vezes alguma coisa no estômago ajudava a precaver as doenças; a senhora Poppets trouxe o tabuleiro e nós

arrastámo-nos até à mesa para debicar uns bifinhos de cebolada e um ruibarbo.

Eu devia estar muito fraco nessa altura, pois lembro-me de que cerca de meia hora depois já não tinha apetite – algo pouco habitual em mim – e nem quis nenhum queijo.

Cumprido este dever, voltámos a encher os copos, acendemos os nossos cachimbos e retomámos a discussão sobre o nosso estado de saúde. Nenhum de nós conseguia ter a certeza daquilo de que sofríamos realmente; mas a opinião unânime era que o nosso mal – qualquer que fosse a sua natureza – tinha sido provocado pelo trabalho em excesso.

– Aquilo que nós precisamos é de descanso – disse o Harris.

– Descanso e uma mudança completa – acrescentou o George. – O excesso de pressão sobre os nossos cérebros produziu uma depressão geral em todo o sistema. Uma mudança de cenário e a abstenção da necessidade de pensar vão restabelecer o equilíbrio mental.

O George tem um primo que normalmente aparece nos registos como sendo estudante de medicina, de modo que expõe naturalmente as coisas como se fosse um médico de família.

Concordei com o George e sugeri que deveríamos procurar um lugar sossegado e pitoresco, longe do rebuliço da multidão, e sonhar com uma semana cheia de sol a passear por caminhos tranquilos – um cantinho meio esquecido, escondido pelas fadas, fora do alcance do mundo barulhento, um ninho de águias empoeirado nas falésias do tempo, onde as vagas tumultuosas deste século apenas se ouvissem ao longe.

O Harris disse que isso ia ser deprimente. Referiu que conhecia bem o género de sítio que eu propunha; onde toda a gente se vai deitar às oito da noite, onde não há maneira de se conseguir um jornal desportivo nem a peso de ouro, e onde se tem de andar quinze quilómetros a pé para encontrar tabaco.

– Não – disse o Harris. – Se queres descanso e mudança, não há nada melhor do que uma viagem por mar.

Objetei fortemente contra a viagem por mar. Uma viagem por mar faz-te bem quando vais por um par de meses, mas, por uma semana, é um pesadelo.

Começas na segunda-feira com a ideia entranhada no âmago de que te vais divertir. Acenas um adeus aos amigos que ficam no cais, acendes o teu maior cachimbo, vagueias pela coberta como se fosses o capitão Cook, o *sir* Francis Drake e o Cristóvão Colombo reunidos numa só pessoa. Na terça-feira, desejas nunca ter ido. Na quarta, na quinta e na sexta, desejas estar morto. No sábado, já és capaz de tomar umas colheres de canja, de te sentares na coberta e de responder com um sorriso fraco e pálido quando as pessoas gentilmente perguntam como te estás a sentir. No domingo, voltas a andar e a comer alimentos sólidos. E só na segunda-feira de manhã, quando, de mala e guarda-chuva na mão, esperas na amurada pelo momento do desembarque, é que começas realmente a apreciar a viagem.

Lembro-me de uma vez o meu cunhado ter ido fazer um pequeno passeio de barco por motivos de saúde. Comprou um bilhete de ida e volta entre Londres e Liverpool; assim que chegou a Liverpool, o seu único desejo era vender o bilhete de volta.

O bilhete foi oferecido por toda a cidade com um desconto fantástico, ou pelo menos assim me foi dito; e, por fim, foi vendido por dezoito pence a um rapazito de ar enfadado a quem o médico acabara de recomendar o ar do mar e muito exercício.

– Ar do mar! – disse-lhe o meu cunhado, metendo-lhe o bilhete na mão com um gesto afetuoso. – Terás o suficiente para toda a vida; e quanto a exercício... terás mais exercício sentado naquele barco do que terias se andasses a dar saltos acrobáticos em terra firme!

Ele – o meu cunhado – regressou de comboio. Disse que a linha férrea do noroeste era suficiente para a sua saúde.

Um outro tipo meu conhecido foi numa viagem de uma semana ao longo da costa, e, antes de partir, o camareiro foi perguntar-lhe se ele preferia efetuar o pagamento das refeições à medida que as ia fazendo ou se queria pagar adiantado uma série inteira. O homem recomendou-lhe a segunda opção, já que era mais económica. Disse que lhe cobriam, para a semana inteira, duas libras e meia. Informou-o ainda de que ao pequeno-almoço haveria peixe,

seguido de um churrasco. O almoço era à uma hora e compunha-se de quatro pratos. O jantar era às seis – sopa, peixe, uma entrada, um prato de carne, aves, salada, doces, queijo e sobremesa. E havia uma ceia ligeira de carne às dez horas.

O meu amigo pensou que o melhor seria optar pela opção das duas libras e meia (é um bom garfo), e assim fez.

Serviram o almoço logo à partida de Sheerness. Ele não se sentiu com tanto apetite como julgara e contentou-se com uma fatia de carne cozida e com uns morangos com *chantilly*. Durante a tarde refletiu seriamente, e, a certa altura, pareceu-lhe mesmo que havia semanas que não comia outra coisa senão carne cozida. Noutras alturas, parecia-lhe só ter comido morangos com *chantilly* durante anos.

A carne e os morangos com *chantilly* também não pareciam estar muito felizes – pareciam bem desgostosos.

Às seis horas, vieram informá-lo de que o jantar estava pronto. O anúncio não lhe despertou entusiasmo, mas ele pensou que tinha de aproveitar o benefício das duas libras e meia que havia gastado, pelo que, amparando-se nuns cabos e em outras tantas coisas, desceu até ao restaurante. Um aroma agradável a cebola e a presunto na frigideira, misturado com peixe frito e vegetais, recebeu-o ao final das escadas; e então surgiu o camareiro, com um sorriso untuoso, a perguntar-lhe:

– Em que posso ajudá-lo, senhor?

– Ajude-me a sair daqui – foi a fraca resposta.

Levaram-no prontamente para cima e deixaram-no a apanhar ar, a sotavento.

Nos quatro dias seguintes, levou uma vida simples e austera a alimentar-se de biscoitos dos marujos sensaborões (quando digo sensaborões, refiro-me aos biscoitos, não aos marujos) e a beber água mineral; mas, lá para sábado, começou a ficar melhor e aventurou-se a tomar um chá fraquinho e uma torrada. Na segunda-feira, banqueteceu-se com uma canja de galinha. Desembarcou na terça-feira e, quando o barco se afastava do cais, lançou-lhe um olhar pesaroso.

– Lá vai ele – disse. – Lá vai ele com duas libras de comida a bordo que me pertencem e não consegui comer.

Disse que se lhe tivessem dado mais um dia teria acertado as contas. Portanto, fiz cara feia à viagem por mar. Não por minha causa, como expliquei. Eu nunca enjoa. Mas receava pelo George. Este disse que por ele estava tudo bem e que provavelmente iria gostar, mas aconselhava-nos, ao Harris e a mim, a não pensarmos nisso, porque pressentia que, provavelmente, ambos iríamos enjoar. O Harris disse que para ele sempre fora um mistério como é que as pessoas enjoavam no mar – referiu que deviam fazer de propósito, por mania, e que muitas vezes desejou sentir-se enjoado mas nunca tinha conseguido.

Depois, contou-nos histórias sobre como tinha feito a travessia do Canal da Mancha, com um tempo tão mau, que os passageiros tiveram de ser amarrados aos beliches e ele e o capitão foram as duas únicas vivalmas a bordo que não enjoaram. Outras vezes, era ele e o imediato que não enjoavam; mas em geral era sempre ele e outro homem. Quando não era ele e outro homem, era ele sozinho.

É um facto curioso que, uma vez em terra, não haja ninguém que enjoa no mar. A bordo cruzamo-nos com imensa gente muito enjoada, de facto; barcos e barcos cheios deles. Porém, até hoje, ainda nunca encontrei um homem, em terra, que soubesse o que era enjoar no mar. Onde é que se metem, quando estão em terra firme, esses milhares e milhares de maus marinheiros que deambulam em cada navio permanece um mistério.

Se a maioria dos homens fosse como um tipo que encontrei um dia no barco de Yarmouth, poderia facilmente encontrar resposta para esse enigma. Lembro-me de que estávamos a sair no cais de Southend e ele estava debruçado sobre uma das escotilhas, numa posição muito perigosa. Aproximei-me dele para o tentar ajudar.

– Ei! Venha mais para dentro – disse, abanando-o pelo ombro.  
– Ainda cai borda fora.

– Oh! Quem me dera lá estar... – Foi a única resposta que obtive; e lá tive de o deixar.

Três semanas depois, voltei a encontrá-lo, na sala do café de um hotel em Bath, a falar das suas viagens e a explicar, com grande entusiasmo, o quanto amava o mar.

– Bom marinheiro! – respondeu ele a um rapaz pacato que o interrogava, curioso. – Realmente tenho de confessar que já me senti ligeiramente indisposto *uma* vez. Foi ao largo do cabo Horn. O navio naufragou no dia seguinte.

Eu perguntei:

– Não era o senhor que estava um bocado abalado no cais de Southend um dia destes, ao ponto de só querer sair borda fora?

– Cais de Southend!? – replicou, com uma expressão confusa.

– Sim, a descer para Yarmouth. Fez na sexta-feira três semanas.

– Oh! Ah!... Sim! – respondeu, recuperando o sorriso. – Já me lembro. Tive uma dor de cabeça nessa tarde. Foram os *pickles*, sabe? Eram os *pickles* mais horríveis que algum dia provei num barco. Também os experimentou?

Quanto a mim, descobri uma excelente forma de prevenir o enjoo no mar: balançar-me. Basta colocarmo-nos de pé no centro da coberta e, quando o barco oscilar e balançar, inclinarmos o corpo de um lado para o outro, de maneira a mantermo-nos sempre na posição vertical. Quando é a proa que se eleva, inclinamo-nos para a frente, até quase tocarmos com o nariz no chão; quando é a popa que se eleva, inclinamo-nos para trás. Funciona muito bem durante uma hora ou duas; mas não é possível balançarmo-nos durante uma semana inteira.

Então, o George disse:

– Vamos para o rio.

Acrescentou que teríamos ar puro, exercício e sossego; e a constante mudança de lugar ocupar-nos-ia a mente (incluindo a do Harris... ou o que restava dela); e o exercício vigoroso iria abrir-nos o apetite e fazer-nos dormir bem.

O Harris disse que achava que o George não devia fazer nada que o tornasse ainda mais dorminhoco do que já era, pois poderia até tornar-se perigoso. Acrescentou que não sabia bem como é que o George iria conseguir dormir mais do que já dormia habitualmente, uma vez que cada dia só tem vinte e quatro horas, tanto no verão como no inverno; mas, de qualquer modo, se ele *conseguisse* dormir mais, então o melhor seria estar morto e, assim, economizava o dinheiro da viagem e da estadia.

O Harris, no entanto, disse que o rio lhe assentaria como uma luva. Não sei bem como é que *assentar como uma luva* se aplicava ao rio. Porém, pode dizer-se, para seu crédito, que a ideia parecia agradar a todos.

A mim a ideia também *assentou como uma luva*, e tanto eu como o Harris congratulámos o George por a ter tido; dissemo-lo num tom que faria transparecer, a quem nos ouvisse, a surpresa por ouvir o George ter uma ideia tão acertada.

O único que não se entusiasmou com a proposta foi o *Montmorency*. Os rios nunca lhe interessaram.

«Para vocês está tudo muito bem, caros amigos» pareceu querer dizer. «Vocês gostaram, mas *eu* não. No entanto, não há nada que eu possa fazer. O cenário não me cativa e, além disso, não fumo. Se vir um rato no barco, vocês não vão parar; se me deixar dormir, vão logo fazer algum disparate com o barco e ainda caio borda fora. Se querem saber a minha opinião, acho que é tudo um grande disparate.»

Porém, éramos três contra um, e a proposta foi aprovada.